

Trilha 1: Godofredo Rangel

A SOLIDÃO DO ESTETA

Geysa Silva



O século XX inicia-se sob o signo da *belle époque* e marca seu lugar na história como a era do culto à beleza, integrada à vida cotidiana, que exibia o paradoxo entre uma atitude ávida de emoções e uma tendência para o isolamento. Essa disposição traduzia-se algumas vezes no celibato, outras no recolhimento ao claustro, outras, na simples procura de lugares em que a solidão pudesse ser cultivada.

Nessas condições, ao estudar a literatura brasileira desse período, depara-se com a figura semiconhecida de Godofredo Rangel, escritor natural de Três Corações, louvado por Monteiro Lobato e por Autran Dourado e que, entretanto, deixou uma obra ainda pouco analisada com o rigor acadêmico que merece, praticamente ignorado nos meios universitários.

Nascido em 21 de novembro de 1884, ano em que a vila de Três Corações foi elevada à categoria de cidade, demonstrou, desde menino, sua vocação para a literatura. Iniciou-se nas letras, com apenas doze anos, escrevendo em jornais manuscritos, contribuindo para eles com páginas literárias, pequenas notícias e peças teatrais, que ele mesmo encenava. Era o início de

uma vida dedicada à representação, à transposição da realidade para um outro meio em que ela melhor pudesse ser apreciada. Veja-se o que diz Enéas Athanázio, um dos poucos estudiosos da obra e da vida de Godofredo Rangel:

Seu amor ao teatro levava-o à construção de pequenos palcos de papelão, pintados a lápis de cor, onde bonecos de celulóide, movidos por cordéis, faziam sucesso. A boca e os cenários laterais eram caprichosamente desenhados por ele próprio (ATHANAZIO, 1977, p.16)

Essa procura de perfeição artística no traço vai manifestar-se também na busca da palavra exata e na beleza da frase que resultavam numa escrita caligráfica, como sugere Antonio Candido, comentando escritores mineiros, contemporâneos de Godofredo, num texto denominado “Literatura caligráfica”, título do prefácio ao livro *Falange gloriosa* :

Voltando aos romancistas, podemos dizer, à vista do que foi sugerido, que a sua maneira literária se diria caligráfica. Sob muitos aspectos semelham de fato um grupo de calígrafos, profundamente sensíveis à beleza formal da página, trazendo à escrita uma aplicação minuciosa, caprichando os traços, embelezando as palavras pelo talhe elegante da letra. Os seus livros parecem revelar a cada passo, sob a monotonia tipográfica, um original amorosamente traçado a mão, segundo a velha arte que se foi perdendo com a imprensa (CANDIDO, s/d,p.06).

De fato, Godofredo Rangel parece deslocado de seu tempo, à procura de um tipo de literatura que já não impressionava outros escritores, mais afeitos às inovações introduzidas pelos *ismos* nas artes em geral, como acontecia com os participantes da Semana de Arte Moderna, de 1922.

Além disso, perseguir a beleza obsessivamente resulta num discurso marcado pelo artifício, em tudo diferente das vozes que o cercavam no cotidiano. Percebe-se também que o amor ao teatro já indicia a tendência para a representação, a vontade de exhibir que contrasta com o desejo de esconder-se, num jogo de velamento e desvelamento proporcionado pelos recursos que o palco oferece. Era o esteta que surgia, oculto apenas pela máscara das personagens que criava; figura singular numa cidade que, segundo informações recolhidas em documentos da

época, teve, de início, uma vida artística e cultural profícua, vida essa que foi banida com a chegada da feira de gado, na década de 20 do século passado.

O gado invadiu a cidade, penetrando residências e casas comerciais, afastando as pessoas das ruas e provocando pânico na população. Enquanto os comerciantes consideravam a feira como um fator de progresso, os intelectuais a lastimavam, por constituir-se em obstáculo às atividades culturais. Três Corações progredia economicamente, porém deixava de lado a atenção às artes para dedicar-se ao que lhe rendia frutos financeiros. Impossível frear os acontecimentos, portanto apenas restou aos artistas da época a possibilidade de aceitá-los. O pragmatismo de fazendeiros, criadores de gado ou produtores de café, sobrepujava qualquer outro interesse que alguém quisesse desenvolver no local. O objetivo dessas pessoas era ganhar mais e mais dinheiro, não era cooperar para que a vida fosse refinada com hábitos de uma sociedade culta.

O adolescente amante da beleza não conseguiu ficar indiferente ao meio em que vivia. A ausência de atividades culturais em sua cidade acentuou uma timidez que vai acompanhá-lo a vida inteira e causou um retraimento que, talvez, tenha contribuído para a pouca divulgação de sua obra., fato que nem mesmo suas relações com Monteiro Lobato foram capazes de evitar.

Nesse ambiente pouco propício ao intelecto, Godofredo Rangel cresce e aí fica até a morte do pai, quando se muda para São Paulo e ingressa na Faculdade de Direito. Em virtude de dificuldades financeiras, emprega-se como escrivão de subdelegacia, em um posto policial. Logo depois vai morar em Belenzinho, onde aluga um chalé. Segundo Monteiro Lobato, o amigo Ricardo Gonçalves ao ver o chalé exclamou: “Mas é uma torre, Rangel! Veja a amplidão de vista que se descortina! Uma torre — um minarete! E você é um muezim!” (LOBATO, 1950, p.03) Observe-se a tendência para uma vida imaginária que substituísse um real nem sempre de acordo com as idealizações feitas por Godofredo e seus companheiros. Em Belenzinho, funda, com os amigos Lino Moreira, Tito Lívio Brasil, Albino Camargo e outros, uma associação denominada *Cenáculo*, onde Godofredo conheceu Monteiro Lobato, cuja amizade perduraria até o fim da vida desse último. É a fase da existência de Godofredo Rangel em que mais teve contato com outros escritores e teve a oportunidade de publicar em diversos jornais de São Paulo e cidades vizinhas.

Foi justamente nesse lugar, o Belenzinho, que nasceu o jornal *Minarete*, fundado por um grupo de rapazes contaminados pelo “carnegão literário” como costumavam dizer. O grupo de amigos passa a agir como os decadentistas, confundindo vida e arte. Assumiam papéis identificados com personagens de romances que estavam lendo, numa simbiose perfeita entre literatura e existência.

As obras de arte ali não eram lidas ou escritas; mas vividas, literalmente. Lia-se muito no Cenáculo, e de tudo. Ricardo lia Rostand e Lecomte; Rangel lia Zola (...). Tempo houve em que a leitura comum era Tartarin. Sem que ninguém o premeditasse o Minarete, da noite para o dia, virou Tarascon e os muezins, por uma transmigração espontânea, encarnaram-se um por um, Ricardo no próprio Tartarin, Negreiros em Bompard, Rangel em Bézouquet, Lobato em Costecalde, e assim os outros (TÁCITO, 1920, p.19)

Essa teatralização da vida indiciava a oposição à vida verdadeira, que acontecia no mundo exterior ao Cenáculo, cujas portas tinham dificuldade de transpor. Não por acaso, um dos literatos que formavam esse grupo, Ricardo Gonçalves, suicidou-se mais tarde, em 1916. No dizer de Antonio Candido, no prefácio aludido acima, “Um farmacêutico, dois funcionários, um magistrado: homens de ordem e medida na vida exterior, de “inquietação e melancolia” nas disposições de espíritoⁱ. Filhos de saturno, cultivavam ainda os resquícios do *spleen* romântico, procuravam incorporar a vida fictícia dos romances, para fugir do espaço cotidiano e adentrar o reino do imaginário. Compare-se com o que diz José Paulo Paes, a respeito dos decadentistas:

Era o avesso simétrico da prática dos naturalistas, sempre tão sôfregos de sujar as mãos no trato direto com o que a realidade tivesse de mais nua e crua, donde preferirem conceber seus heróis como seres “destituídos de alma, regidos por impulsos ou instintos” , para citar outra frase do prefácio autocrítico de Huysmans, vinte anos depois, ao seu romance (PAES, 1987, p.12)



MINARETE

Os rapazes do Cenáculo, inclusive Godofredo Rangel, tinham a ânsia de escapar da existência comum, para eles sem significado. Invertiam-se, de forma paródica, os preceitos naturalistas. Não se procurava ir ao cenário vivo para transpô-lo para as obras. Ao contrário, abandonava-se a cena da vida para fazer o ingresso no mundo da arte; a “nevrose do novo” adquiriu traços específicos, na “paulicéia desvairada”, não se manifestando em sintomas corporais, mas, ao fragmentar a personalidade de maneira tão explícita, beirava a esquizofrenia. Veja-se o seguinte comentário:

O andar inferior, morada de burgueses profanos, ficou sendo Beaucaire, o burgo vizinho e desprezado. Vinha o carteiro com um envelope garatujado, para o locatário de baixo: - “Não é aqui, senhor! É em Beaucaire...” Encontravam-se dois do Cenáculo e saudavam-se: - “Te, Bézouquet!... -Té, Bompard!...”.(TÁCITO,1920, p.19)

Tem-se, portanto, não uma enfermidade de nervos, como acontece com *Des Esseintes*, mas uma verdadeira vida às avessas, uma vez que “o natural” é subvertido e as atitudes passam a inserir-se no mundo do artifício e da representação. O repúdio ao naturalismo fica evidente também, quando, em determinado trecho de *Vida ociosa*, Godofredo Rangel refere-se a Zola, ao descrever uma pescaria: “—Pode ser belo, mastiguei; mas monótono como uma descrição de Zola” (RANGEL,1934, p.237)

Entretanto a vida verdadeira continuava em seu ritmo impossível de ser sustado. Assim, Godofredo Rangel casou-se com Bárbara Pinto de Andrade e com ela teve três filhos e uma

filha: Nello, Caio, Túlio e Duse. O primeiro foi quem recolheu e divulgou o maior número de informações a respeito da vida de seu pai.

Após formado, já com o título de bacharel, Godofredo muda-se para Campinas, todavia aí permanece pouco tempo, voltando para Minas Gerais, onde exerce a profissão de professor, lecionando inglês e português, no Colégio Fernandes. Essa experiência no magistério certamente deixou ressonâncias no romance *Falange gloriosa*, em que faz uma crítica aos colégios internos da época, dirigidos por um déspota que, à semelhança do diretor de *O Ateneu*, implanta um regime com características fascistas, como se pode notar no título do livro citado. Nesse sentido, Antonio Candido faz o seguinte comentário:

É uma sátira sobre um colégio feito para lucro e vaidade, onde se deforma o espírito das crianças sob uma fachada aparatosa de ciência e pedagogia. Como tema, liga-se a uma tradição rica, ilustrada por Dickens e, entre nós, Raul Pompéia e José Lins do Rego. Mas Rangel se afasta da linha desses autores, e mais ainda do **Coruja**, de Aluísio Azevedo, deixando de lado a vida do aluno pela descrição do estabelecimento (CANDIDO, s/d,p.06).

Não se pode esquecer que o início do século XX é uma época em que o pensamento político autoritário e racista estava em plena ascensão. Enquanto a Espanha seria ferida pela guerra civil, na Alemanha, Hitler começa sua carreira vertiginosa, além de estimular o poder que se tornaria cada vez mais forte, de Franco, Salazar e Mussolini. Acrescente-se que, no Brasil, seria implantado o Estado Novo, em 1937, fato que consolidou a ditadura Vargas.

A vocação para o preciosismo literário, que Godofredo Rangel sempre experimentou, volta a manifestar-se no discurso de seus romances, escritos na solidão de quem não possuía o convívio direto com amigos que o estimulassem e com ele trocassem opiniões a respeito da arte. Por contingências da profissão e também por escolha pessoal, isolava-se no interior de Minas, longe dos centros urbanos, vivenciando a singularidade de um esteta, em meio ao pragmatismo de homens alheios à arte e ao que acontecia fora dos limites de sua região. A sua volta, discutiam-se o preço do gado, a safra do café, as conseqüências da chuva e da estiagem. Nada a ver com a beleza, nem com o artifício.

O tédio que teve de enfrentar diante dessas situações foi superado pela produção de romances, traduções e contos, visto que jamais abandonou a literatura. Ele se afasta cada vez mais da média das pessoas., comprazendo-se com seus livros, com sua escrita preciosa, atingindo um

refinamento capaz de afastar o leitor menos acostumado ao texto prenhe de um vocabulário sofisticado, mesmo quando a personagem é um homem simples do campo. Observe-se o seguinte exemplo, quando uma personagem pouco alfabetizada narra uma caçada:

E, tropeçando no escuro, aos tombos, aflitos, a olhar para trás, fugimos correndo quanto podíamos, quase sem rumo, extraviados na escuridão da mata Felizmente não fomos perseguidos. Então, recobrando alento, pudemos gemer as nossas contusões, e, acendendo pedaços de taquara e palha de pinheiro, conseguimos achar o caminho da fazenda.

E Próspero ria da velha recordação (RANGEL, 1934, p.114).

Há em Godofredo Rangel o pendor para a caricatura, exagerando os caracteres, transformando seus tipos em protótipos, agentes de uma ética maniqueísta, que coloca as personagens em campos rigorosamente opostos. Em *Falange gloriosa*, Navarro, o diretor do colégio encarna a mesquinharia que atinge as raias da crueldade. Mentiroso, sempre age de acordo com as conveniências políticas para conseguir seus objetivos. Não hesita em dizer que um aluno é bom, ainda que esse seja inteiramente relapso, apenas pelo fato de tratar-se de parente de um ministro. Irrita-se com o fato de uma professora ter marido, por considerar que isso prejudicaria o trabalho da profissional, o que demonstra a ingerência da instituição na vida particular de seus empregados.

— Quem é este homem?

Flávia, estonteada pelos modos bruscos do diretor tartamudeou a resposta.

Navarro clamou, entre surpreso e indignado:

Marido?! Pois a senhora não é viúva!...E levou a mão à cabeça (RANGEL, s/d, p.25).

O professor Meira, por outro lado, é um exemplo de sensatez e bondade. A compreensão que dispensa aos alunos é, até por eles mesmos, mal interpretada, sendo considerada como evidência de formação intelectual deficiente. Meira tem um caráter de integridade a toda prova. Suporta com paciência as injustiças que sofre e não abre mão de carregar dentro de si a crença no ser humano:

— Os meninos não são maus, coitadinhos; é que já dobraram o semestre e sentem a proximidade das férias, que estão por dois meses e pouco... Bem lhes procuro falar ao coração; mas andam com a cabeça no ar, saudosos e talvez também cansados. A disciplina... Com paciência pode-se obter tudo (RANGEL, s/d, p.178).

Trata-se, sem dúvida, de uma crítica moralizante a esse tipo de instituição de ensino que, no início do século XX, propagou-se em vários colégios do Brasil, alguns deles situados no sul de Minas. O interessante é os pais acreditarem na chamada “instrução” que ali se dizia existir; em virtude de tal crença, para esses colégios vinham crianças de diversas partes do país. Talvez para chamar a atenção sobre o engodo dessa pretensa educação, Godofredo Rangel tenha optado, em *Falange gloriosa*, por um estilo que evoca a leitura dos naturalistas franceses, embora, como já foi dito, essa não tenha sido a orientação literária seguida por ele.

Em *Falange gloriosa*, o espaço discursivo transforma a solidão do esteta na solidão da personagem João, obrigado a viver onde não queria e a conviver com quem não gostava. Não se trata de reproduzir uma situação, mas de brincar com a mimese e recuperar um lugar aristotélico, para ela, no discurso, mantendo-se no comando da representação.

O colégio do Navarro aparece pintado com traços espessos e deformados pelo sarcasmo e pela ironia; aqui não se trata de simples substituição de referentes, porém da tensão entre o dito e o não-dito, isto é, entre o significante e dois significados diferentes, formando um outro, composto pelos primeiros e interdependente.

É por isso que eu quero considerar aqui o que pode ocorrer se o significado irônico for visto como sendo substituição *ou/ou* de opostos, mas por *ambos* o dito e o não dito trabalhando juntos para criar algo novo. A solução semântica da ironia, então, mantém em suspenso o dito mais alguma coisa *diferente dela e em acréscimo a ela* que permanece não dita (HUTCHEON, 2000, p. 98-99).

A ironia vai ser o caminho encontrado por Godofredo Rangel para driblar o tédio que dele se apossava na convivência com pessoas com as quais nada tinha a dizer, em cidades cujo marasmo cultural era irritante para alguém que aspirava à beleza das formas. Vê-se, então, que a ironia toma um aspecto de duplicidade, ao neutralizar qualquer tendência para situar –se numa posição rígida em relação à verdade. Ridiculariza-se o fato pelo tratamento grotesco a

ele atribuído e, assim, a ironia entra em cena, usando a paródia aparentemente inocente, que expressa não um desejo moral de efetuar uma correção, mas um desprezo por determinadas pessoas e circunstâncias.

Nessas condições, *Falange gloriosa* realiza um ataque corrosivo às instituições de ensino, semelhantes aos colégios dirigidos pelo Navarro, que faziam alarde de seus métodos educativos, por eles exaltados como formadores de uma elite intelectual, mantenedora dos chamados valores cívicos, cultuados na época. Observe-se a descrição da Escola Normal, em que a referência ao *slogan* integralista é duplamente ridicularizada, uma vez que ele já existia traduzido na entrada do colégio, destinado a receber os alunos (a Escola Normal era exclusivamente feminina). Ironiza-se, portanto, tanto a ligação ideológica entre as diretrizes pedagógicas ali evidenciadas pela inscrição, assim como a presunção dos próprios pais, que desejavam passar por algo que não eram, ou queriam demonstrar saber algo que na verdade não sabiam.

À sua frente uma escadaria de dois lanços traçava uma ampla ova, depondo os últimos degraus numa avenida que descia suavemente a escarpa, indo mais abaixo entroncar na estrada da povoação. No ponto de união erguia-se novo arco de triunfo com as palavras do outro, porém em francês: “*Dieu, Patrie et Famille*” que os pais de alunos, quando por ali passavam, traduziam, cheios de si, uns para os outros: “Deus, Pátria e Família”! E admiravam-se de sua própria argúcia (RANGEL,s/d, p.24).

O refúgio que Godofredo Rangel encontra para minorar sua solidão está no ato de escrever, especialmente na correspondência que troca com Monteiro Lobato, cujas respostas constituiriam *A barca de Gleyre*. Nesse livro, estão apenas as cartas de Lobato, visto que Godofredo Rangel não permitiu que as suas fossem publicadas; contudo é importante ressaltar que elas demonstram a solidão do escritor tricordiano e o quanto ela foi suavizada por uma amizade que a distância não abalou, ao mesmo tempo em que, ao comentar as idéias do amigo, Monteiro Lobato acaba por exibi-las.

A solidão sem dúvida incomodava esse escritor mineiro, embora tivesse optado por ela, pois, se o desejasse, poderia ter ficado na capital, Belo Horizonte. Contudo, ao dirigir-se a Monteiro Lobato, em 1905, escreve:

Queres saber como me sinto aqui?Um pouco como um homem que andou correndo mundo, atravessou Áfricas e varou pólos, que se atirou a todas as aventuras e a todos os trabalhos, exilado, ausente largos meses, e que afinal voltou à casa a repousardas fadigas de viagem. São as únicas emoções que sinto— emoções de repouso merecido, puramente domésticas. Não esperava isto. Desejava encontrar ainda em mim, capacidades para emoções incandescentes, que nunca tive, ou antes, como as que tive no ano passado (RANGEL,1984).

Pode-se imaginar o que foi a existência de um esteta, condenado por circunstâncias de tempo e lugar a enfrentar a solidão, mas não se pode afirmar o porquê das escolhas feitas por Godofredo Rangel para viver dessa maneira, afastado dos grandes centros e dos amigos, isolado onde não podia compartilhar suas idéias, nem suas preocupações com problemas referentes à arte. Aos contemporâneos resta a tarefa de estudar sua obra e divulgá-la para que não caia no esquecimento, mesmo na cidade onde nasceu.

REFERÊNCIAS

ATHANÁSIO, Enéas. *Godofredo Rangel*. Curitiba: Gráfica Editora, 1977.

CANDIDO, Antonio. In: RANGEL, Godofredo. *Falange gloriosa*. Prefácio.São Paulo: Melhoramentos, s/d.

HUTCHEON, Linda. Teoria e política da ironia. Trad. Júlio Jeha. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

PAES, José Paulo. IN: HUYSMANS, J. K. *As avessas*. Trad. e estudo crítico. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

RANGEL, Godofredo. *Vida ociosa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1934.

RANGEL, Godofredo. *Falange gloriosa*. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

TÁCITO, Hilário. In: RANGEL, Godofredo. *Vida ociosa*. Prefácio. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934

Site visitado

LOBATO, Monteiro.; RANGEL, Godofredo. *Quarenta anos de correspondência*.V10, n.48, 1984. Disponível em: www.lettras.ufmg.br/websuplit

Observação: Esse trabalho foi publicado em BOUÇAS COUTINHO, Luiz Edmundo e MUCCI, Latuf Isaiás (org). Dândis, estetas e sibaritas . Rio de Janeiro: Confraria do Vento, p.71- 80, 2006.
